

A ATUAÇÃO E PERCEPÇÃO DOS BOLSISTAS-RESIDENTES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS, ADULTOS E IDOSOS ATRAVÉS DO PROGRAMA DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Giovanna Miranda Sousa ¹
Adailson Júnior Oliveira ²

O Programa de Residência Pedagógica (PRP) é um programa ofertado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), com o objetivo de aprimorar a experiência e formação de estudantes dos cursos de licenciatura. O relato aqui apresentado é fruto de nossas vivências/experiências na condição de bolsista-residente do PRR, Subprojeto do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade do Recôncavo da Bahia (UFRB)³, edição 2022-2024, tendo como campo de atuação uma escola pública do Recôncavo da Bahia, além de nossas inquietações na condição de futuros professores e da perspectiva que o PRP aponta na materialização da ação-reflexão-ação e do fortalecimento da identidade do professor pesquisador.

A nossa regência iniciou-se no início do ano letivo de 2023 em uma escola municipal da rede pública de ensino que atende os Anos Finais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI). A nós, foram direcionadas duas turmas da modalidade EJAI, referentes ao 7/8º ano. Grande parte da turma é composta por homens negros, além de que a maioria dos estudantes apresenta baixa renda e vem da zona rural ou de bairros considerados marginalizados na cidade. A Educação de Jovens, Adultos e Idosos (EJAI) trata-se de uma modalidade de ensino que perpassa todos os níveis da Educação Básica, particularmente para jovens, adultos e idosos que por algum motivo abandonaram o ensino regular. A modalidade existe há mais de duas décadas e é regulamentada pela Lei das Diretrizes e Bases da Educação LDB (9.394/96) como dever do Estado. No entanto, ainda assim, ela é pouco valorizada e secundarizada. (MARTINS, 2017).

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, giovannamiranda@aluno.ufrb.edu.br;

² Graduado pelo Curso de **XXXXX** da Universidade Federal - UF, coautor1@email.com;

³ Orientado pela Profa. Dra. Terciana Vidal Moura, Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

Nessa nossa experiência, nos deparamos com uma sala onde havia muitos jovens, entre 15 e 22 anos, mas nenhum estudante de idade superior. Notamos que esse era o padrão da escola porque essas turmas, na realidade, são compostas por alunos que repetiram muitas vezes no ensino regular e foram transferidos para o turno vespertino. De início, a nossa relação com a turma foi marcada por desconfiança por parte dos alunos, pois eles nos consideravam muito jovens para o cargo de professor. No entanto, percebemos que ao passar das semanas, a confiança, o respeito, interesse e até carinho aumentaram consideravelmente. Vale ressaltar ainda que o corpo escolar, não só os estudantes, fizeram parte desse primeiro momento caloroso. Assim, fomos preenchidos pela experiência que somente a regência em sala de aula é capaz de oferecer.

Constantemente, nos esforçamos para fazer uma regência diferente, trazendo perguntas norteadoras, jogos lúdicos como tabuleiros ou passa ou repassa, apresentação de slides, aulas de revisão, idas à sala de recursos e exemplos reais relacionando os conteúdos, de modo que muitos dos estudantes mostram um maior interesse pelas aulas de ciências agora e tecem elogios a essas metodologias de ensino. No entanto, muitas das vezes nos encontramos desmotivados devido ao fato de que o conteúdo para ser aplicado no EJAI é de certa forma limitado e não termos uma base inicial para essa modalidade. Além disso, logo veio o fim da primeira unidade e ministramos o primeiro teste/prova, obtendo resultados bem abaixo do esperado, o que nos preocupou. Começamos então a levantar hipóteses do que estaria acontecendo e nossa sugestão é de que os nossos alunos estão bastante atrasados em ensinamentos básicos, como português, o que dificulta o entendimento e avaliação na nossa disciplina, além de apresentarem um possível descontentamento no ambiente escolar.

Então, com a intenção de obter a visão dos estudantes sobre aspectos como esses, realizamos um questionário com seis perguntas, de modo que o objetivo do presente trabalho trata-se de buscar compreender possíveis razões e correlações entre a vida dos alunos da modalidade EJAI e seu desempenho escolar. Assim, a metodologia utilizada na pesquisa foi aplicar esse questionário em uma tarde na escola, de modo que explicamos para os estudantes quais os fins que isso levaria, deixando claro para eles que poderiam escolher ou não responder, além de que não pedimos identificação. Desse modo, 31 pessoas responderam e as perguntas foram as seguintes: Quantos anos você tem? Em algum momento você abandonou os estudos e voltou recentemente? d) Sim, por outro motivo e) Como você se sente na escola que estuda? f) Você acha que é valorizado pela escola? g) O que você quer para o futuro?

Como resultado, obtivemos na primeira questão que 24 estudantes possuem entre 15 e 17 anos, 6 estão entre 18 e 21 anos e apenas 1 estudante tem mais de 22 anos. Para a segunda questão, 5 relataram que já abandonaram os estudos por conta do trabalho, enquanto 21 nunca pararam de estudar, 3 pararam de estudar por outro motivo, 1 por questão de saúde e 1 fez isso por questões familiares. Em relação ao sentimento para com a escola, 21 se mostraram indiferentes, 9 se sentem bem e apenas 1 se sente triste. Sobre ser ou não valorizado pela escola, 26 responderam que sim e 4 que não, sendo que um desses escreveu justificando logo abaixo que ali “ninguém era amigo de ninguém”. Para a quinta questão, 13 relataram que apenas estudam, 12 conciliam trabalho e estudos diariamente e 4 estudantes trabalham esporadicamente. Em relação a sexta e última questão, 17 relataram que para o futuro querem apenas concluir os estudos e trabalhar, 10 afirmaram que querem ir para a faculdade, 2 responderam que nenhuma das alternativas se encaixa com sua perspectiva e nenhum pretende parar de estudar.

É preciso relatar primeiramente a nossa tamanha surpresa e alegria ao ver que nenhum estudante tenha respondido a pretensão em parar de estudar, pois isso reforça que vale a pena permanecer na jornada para formadores. No entanto, poucos se interessarem pelo ensino superior nos preocupa de certa forma e talvez seja um reflexo para demonstrar que a escola, especificamente na modalidade para Ensino de Jovens, Adultos e Idosos esteja fortemente voltada para o mercado de trabalho, deixando um pouco de lado outras questões tão importantes quanto, como por exemplo a vida acadêmica além da escola.

Além disso, levantamos a hipótese de que 21 estudantes responderam que nunca abandonaram os estudos devido ao motivo citado mais acima: as turmas são compostas por pessoas jovens que repetiram algumas vezes no ensino regular e não necessariamente realizaram alguma pausa na vida acadêmica. Acreditamos que a resposta certamente seria diferente se a pesquisa fosse realizada com mais pessoas, em outras escolas, principalmente pelo turno da noite, onde muitos encontram tempo para os estudos depois do dia exaustivo de trabalho, o que também engloba a quinta questão, além de se tratar de jovens como mostram as respostas da primeira questão.

Muito nos alegra também que uma minoria se sinta triste na escola, mas consideramos preocupante que tantos alunos tenham sido indiferentes na resposta, pois a escola é também um espaço para a expressão de sentimentos, em relação as boas e más experiências ali vividas, considerando que a educação é um conjunto dessas vivências e a afetividade tem profunda participação nesse processo (SANTOS, 2007).

Assim, diante do que foi apresentado, acreditamos que a nossa pesquisa apenas começou. Ainda é preciso aprofundar melhor essas questões e estabelecer um vínculo duradouro entre aluno e professor. Além disso, foi possível perceber que talvez o baixo desempenho dos estudantes esteja relacionado com a dupla jornada de trabalho e estudo, a falta de percepção afetiva na escola, o desânimo em relação ao futuro ou ambos. No entanto, apesar dos problemas citados, temos uma visão mais positiva do que negativa do nosso trabalho e concluímos ressaltando que o programa Residência Pedagógica está cumprindo cada vez mais com os seus objetivos, pois estamos de fato imersos na educação. Sentimos mais confiança em relação ao futuro mercado de trabalho e assim ansiamos genuinamente exercer nossa profissão com excelência.

Palavras-chave: Educação de Jovens, Adultos e Idosos; Escola; Programa de Residência Pedagógica; Bolsistas- Residentes.

REFERÊNCIAS

MARTINS, P. R. DA S. LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJAI: um caminho necessário. **Cadernos Cajuína**, v. 1, n. 3, p. 90, 23 dez. 2016.

SANTOS, F. M. T. AS EMOÇÕES NAS INTERAÇÕES E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA. *Rev. Ensaio*, Belo Horizonte, v.09, n.02, p.173-187, jul-dez, 2007.